

# Relações Econômicas Internacionais e o Desenvolvimento do Capitalismo no Brasil: um objeto de pesquisa do Instituto de Economia da Unicamp

*José Carlos Braga\**

*Simone Deos\*\**

## **1.Introdução**

Este texto apresenta a trajetória da pesquisa no âmbito de relações econômicas internacionais realizada no Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (IE-Unicamp) e, de forma mais específica, no Centro de Estudos de Relações Econômicas Internacionais (Ceri). Nosso propósito é demonstrar como a pesquisa em relações econômicas internacionais no IE-Unicamp vem sendo abordada a partir da preocupação com o desenvolvimento econômico brasileiro.

Para tanto, após esta introdução, faremos uma breve caracterização da Universidade Estadual de Campinas e do Instituto de Economia (Seção 2). Apresentaremos, de forma sintética, um conjunto de indicadores atuais sobre a Unicamp e o IE, ao mesmo tempo em que sublinharemos alguns momentos de sua história. O objetivo é demonstrar a posição de destaque que ocupam no cenário do ensino e da pesquisa no país.

Na etapa seguinte (Seção 3), nosso objeto será a pesquisa realizada na área de relações econômicas internacionais no âmbito do IE-Unicamp. A seleção e

---

\*Professor Livre-Docente do Instituto de Economia da Unicamp e Diretor Adjunto do Ceri (Centro de Estudos de Relações Econômicas Internacionais).

\*\*Professora Doutora do Instituto de Economia da Unicamp e Diretora Executiva do Ceri (Centro de Estudos de Relações Econômicas Internacionais).

análise dos trabalhos realizados dentro dessa temática, contudo, não serão exaustivas. Apresentaremos, a partir da seleção de um conjunto de trabalhos, a trajetória das pesquisas nas décadas de 1980 e 1990. Tendo destacado os trabalhos que podem ser tomados como fundadores dessa trajetória, deteremos naqueles mais recentemente realizados e nas pesquisas ora em curso no âmbito do Ceri. O propósito, como já apontamos, é demonstrar que as pesquisas realizadas no IE e no Ceri têm como objetivo pensar o desenvolvimento econômico brasileiro no contexto das relações econômicas internacionais.

Na conclusão (Seção 4), apresentaremos, de forma sintética, a agenda de pesquisas futuras do Centro de Estudos de Relações Econômicas Internacionais (Ceri).

## **2. Unicamp e Instituto de Economia: origem e evolução**

### **2.1 Unicamp<sup>1</sup>**

A Unicamp foi oficialmente fundada em 5 de outubro de 1966. É uma autarquia, autônoma em política educacional, mas subordinada ao Governo do Estado de São Paulo no que se refere aos subsídios para a sua operação. Em 2007, contava com 73 unidades e órgãos, sendo 20 unidades de ensino e pesquisa, 23 centros e núcleos interdisciplinares e 24 bibliotecas.

No ano de 2007, a Unicamp ofereceu 58 cursos de graduação nas áreas de ciências exatas, tecnológicas, biomédicas, humanidades e artes. O número de vagas de graduação oferecidas nesse ano foi de 2.830, o número de alunos matriculados nos cursos de graduação nesse mesmo ano era de 16.984 e o número de docentes ativos, 1.743.

No que diz respeito à pós-graduação, foram 135 os cursos oferecidos em 2007: 66 de Mestrado, 60 de Doutorado e 9 de Especialização. O número de alunos matriculados na pós-graduação da Unicamp em 2007 era de 15.230, sendo a universidade brasileira com o maior índice de alunos na pós-graduação – 48% de seu corpo discente. Também deve ser mencionado que, no período, 86% de seus professores atuavam em regime de dedicação exclusiva e 97% tinham titulação mínima de doutor.

A Unicamp mantém, historicamente, uma relação muito estreita entre ensino e pesquisa, como evidenciam os seguintes indicadores da produção científica:

---

<sup>1</sup> Dados do ano de 2007 organizados pela Assessoria de Economia e Planejamento da Reitoria da Unicamp disponíveis em (<https://www.unicamp.br/unicamp/a-unicamp>).

no ano de 2007, foram publicados 236 livros, 3.714 artigos em periódicos e 1.901 trabalhos completos em anais de congressos. Neste ano, eram 1.097 as linhas de pesquisa desta universidade e 4.562 os projetos com financiamento.

## 2.2 Instituto de Economia<sup>2</sup>

O Instituto de Economia da Unicamp foi criado em 1984 e originou-se do antigo Departamento de Economia e Planejamento Econômico (Depe), que integrava o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp.<sup>3</sup> O professor Wilson Cano contextualiza a criação deste Instituto:

*“Deve-se a uma circunstância especial a idéia da criação do futuro Instituto de Economia. De um lado, os anseios que um grupo de professores da Cepal<sup>4</sup>, no Rio de Janeiro, manifestava em relação à má qualidade da maioria dos cursos de economia então ministrados no país, pela baixa capacidade crítica que ofereciam para o exame da realidade nacional, pela quase ausência de interdisciplinaridade e pela alienação teórica e política que proporcionavam. Esse grupo alimentou, durante alguns anos, a idéia de criar uma nova Escola de Economia que enfrentasse aquelas deficiências. Ao mesmo tempo, havia outro grupo de intelectuais em São Paulo, que acabava de fazer um Curso de Planejamento Econômico ministrado pela Cepal, e que também alimentava as mesmas preocupações. É nesse momento (1965) que se conhecem e que delineiam as idéias centrais do futuro projeto.” (Cano, 2007, p. 200)*

### Histórico das atividades docentes

As primeiras atividades, desenvolvidas entre 1968 e 1970, consistiram na realização de cursos de planejamento econômico em nível de pós-graduação (especialização). A partir de 1970, teve início o curso de graduação (bacharelado) em ciências econômicas.<sup>5</sup>

<sup>2</sup> Esta seção se beneficia, em grande medida, de Cano (2007).

<sup>3</sup> O IFCH, por sua vez, originou-se do Departamento de Planejamento Econômico e Social (Depes), criado em 1968.

<sup>4</sup> Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. Foi criada em 1948 pelo Conselho Econômico e Social da Organização das Nações Unidas (ONU) com o objetivo de incentivar a cooperação econômica entre os seus membros.

<sup>5</sup> Até 1997, o curso de graduação foi exclusivamente diurno. Em 1998, foi iniciado o curso de graduação em período noturno.

Em 1974, teve início o curso de pós-graduação em economia em nível de mestrado. À época, segundo Cano (2007), o Instituto de Economia já era conhecido como “a escola crítica de Campinas”, constituindo uma instituição singular no Brasil,

*“Pela estrutura curricular; intensidade de leitura; pela pluralidade teórica de estudar os grandes mestres, notadamente Kalecki, Keynes, Marx e Schumpeter; pela visão crítica no estudo histórico do sistema capitalista de produção; pela grande importância que sempre demos ao estudo da história econômica do Brasil e de sua evolução.” (Cano, 2007, p.201)*

Em 1978, no âmbito da pós-graduação, teve início o doutoramento (em teoria e política econômica), possibilitando o aprofundamento, no ensino e na pesquisa, de economia política, de teoria e política econômica e social, de história econômica, economia brasileira e economia internacional.

A partir de 1998, foi criado um novo programa de pós-graduação, em desenvolvimento econômico, com mestrado e doutorado.<sup>6</sup> Estes cursos formaram e formam especialistas nas seguintes áreas de concentração: economia social e do trabalho, história econômica, economia regional e urbana, economia agrícola e desenvolvimento, espaço e meio ambiente.

Até o ano de 2007, o IE formou cerca de 1.850 graduados e um pouco mais de 1.000 pós-graduados<sup>7</sup>. Além de ter formado profissionais que se dirigiram ao setor público – com presença em muitos governos estaduais, no governo federal e em órgãos específicos – e ao setor privado – empresas, instituições financeiras e consultorias –, salienta-se que:

*“Tem sido muito importante e quantitativamente expressiva a formação de docentes, destacando-se expressiva presença deles em várias universidades públicas federais e estaduais. Os docentes, nessas universidades, puderam assim transplantar para elas boa dose do espírito de Campinas, disseminando nossa postura reflexiva crítica, alterando programas, currículos e complementando bibliografias.” (Cano, 2007, p.204)*

<sup>6</sup> Em 1998 foi criado o mestrado e em 1999 o doutorado.

<sup>7</sup> Incluindo especialização, mestrado e doutorado. Foram 216 nos cursos de especialização, 467 no mestrado e 366 no doutorado.

## Histórico das atividades de pesquisa

Do ponto de vista da pesquisa, o Instituto de Economia estruturou-se, desde meados da década de 1980, em centros e núcleos, os quais congregam professores, pesquisadores e alunos de graduação e pós-graduação e contam com infra-estrutura para o desempenho das atividades. O rol de centros e núcleos evidencia a ampla cobertura temática das pesquisas realizadas na instituição. Entre os núcleos de pesquisa estão o de Economia Agrícola (Nea), o de Economia Industrial e da Tecnologia (Neit), o de Economia Social, Urbana e Regional (Nesur), o de Finanças (Nif), de História Econômica (Nihe) e o de Métodos Quantitativos Aplicados à Economia (Nimqae). Constituem centros de pesquisa o de Estudos de Conjuntura e Política Econômica (Cecon), o de Estudos de Desenvolvimento Econômico (Cede), o de Estudos de Relações Econômicas Internacionais (Ceri) e o de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho (Cesit).<sup>8</sup>

São indicadores expressivos das pesquisas realizadas no âmbito do IE as 467 dissertações de mestrado e 366 teses doutorais defendidas até 2007, em todas as áreas de conhecimento estudadas. Ademais, além de pesquisas individuais, foram realizadas, desde o início das atividades da instituição até 2005 e sob a estrutura dos núcleos e centros, cerca de 420 pesquisas coletivas<sup>9</sup>, em cooperação com instituições nacionais (públicas, não governamentais e com empresas) e internacionais. Tais pesquisas abarcaram enorme variedade de áreas temáticas.

## Indicadores da produção atual<sup>10</sup>

Em 2007, o IE contava com 110 professores. Nos cursos de graduação estavam matriculados 569 alunos e na pós-graduação *stricto sensu* 226 alunos, assim distribuídos: 109 nos programas de mestrado e 117 nos de

---

<sup>8</sup> Os primeiros centros e núcleos foram criados em 1985 e, ao final desta década, a estrutura já estava praticamente montada, tendo sido alguns poucos criados nos 90. Para uma breve descrição dos objetivos de cada um dos centros e núcleos e das atividades mais recentes e mais significativas destes ver <http://www.eco.unicamp.br/pesquisa/index.php>.

<sup>9</sup> Esta informação está em Cano (2007).

<sup>10</sup> Os indicadores apresentados nesta seção, relativos ao ano de 2007, têm como objetivo uma caracterização sumária do Instituto de Economia nas suas atividades de ensino e pesquisa. Dados referentes ao ano de 2007 disponíveis em <http://www.unicamp.br/anuario/2007/IE/IE-quadrogeral.html>. Ver também [www.eco.unicamp.br](http://www.eco.unicamp.br) para algumas informações institucionais.

doutorado. Neste ano foram defendidas 26 dissertações de mestrado e 21 teses de doutorado.

Em 2007 o IE tinha 45 linhas de pesquisa e 35 projetos com financiamento. Neste ano foram publicados 6 livros, 14 capítulos de livros, 47 artigos em periódicos e 28 trabalhos completos em anais de congressos, sendo 17 internacionais e 11 nacionais. Ademais, os professores e pesquisadores do IE tiveram participação em 70 congressos e outros eventos científicos.

### **3. Relações Econômicas Internacionais no IE-Unicamp**

Coerente com sua perspectiva de atuação na pesquisa e no ensino, bem como com seus posicionamentos metodológicos e teóricos, o Instituto de Economia da Unicamp resolveu criar um espaço institucional dedicado ao estudo da evolução da economia mundial e da interação do Brasil nessa evolução. O propósito estratégico fundamental desse conhecimento era, e é, compreender e formular caminhos adequados para a inserção do Brasil no mundo de maneira a propor estratégias de desenvolvimento que tornem possível integrar inserção internacional com soberania nacional, estabilidade monetária e desenvolvimento socioeconômico.

O Ceri foi então criado, em 1985, com os propósitos a seguir mencionados: i) analisar a evolução da economia mundial, tomando em consideração especialmente suas repercussões sobre o desenvolvimento econômico brasileiro; ii) avaliar o comportamento da conjuntura econômica internacional, especialmente sob a ótica de seus reflexos sobre a economia brasileira; iii) estudar as relações econômicas entre o Brasil e as áreas específicas de comércio internacional; iv) promover publicações que assegurem a divulgação regular de seus trabalhos; v) organizar seminários, colóquios, semanas de estudo e conferências; vi) manter contato com instituições nacionais e estrangeiras de objetivo similar, de modo a incentivar a troca de experiências na análise das relações econômicas internacionais. Ao longo desses vinte e três anos de existência, e obviamente vivendo momentos de maior e menor dinamismo, o Centro de Estudos de Relações Econômicas Internacionais vem cumprindo esses objetivos.

Tendo em vista os temas mais recentes da evolução mundial, deve-se considerar a presença do Ceri nas pesquisas e nos debates relacionados com a globalização do capitalismo, sobretudo na sua dimensão financeira, e com a regulação das finanças internacionais - em particular dos sistemas

bancários, sob a égide dos Acordos de Basiléia. A participação do Centro nas discussões em torno dessa temática, sob a forma de seminários, artigos e livros, tem sido marcante e manifesta uma atuação consistente com a perspectiva acima mencionada. Mas, antes de aprofundarmos o tema das pesquisas recentemente realizadas no âmbito do Ceri, voltemos às “primeiras” reflexões dos economistas do IE-Unicamp sobre as questões internacionais.

### **O IE e as questões de economia internacional imbricadas na temática do desenvolvimento brasileiro**

A reflexão do Instituto de Economia acerca das interações entre as relações econômicas internacionais e o desenvolvimento brasileiro fez-se evidente, desde os primórdios da instituição, nas dissertações de mestrado e teses de doutoramento, mas ficou especialmente clara em alguns trabalhos publicados no início da década de 1980, quando instabilidade e crise afetaram o Brasil e a América Latina. Numa coletânea que resultou em dois volumes publicados sob o título “*Desenvolvimento Capitalista no Brasil*”, ambos organizados por Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo e Renata Coutinho, essa questão mereceu destaque. Entre os artigos relacionados com a temática que nos ocupa neste documento, vale mencionar:

- “*Estado, sistema financeiro e forma de manifestação da crise, 1929/1974*” de Luciano G. Coutinho e Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo;
- “*Percalços e problemas da economia mundial capitalista*”, de Luciano G. Coutinho;
- “*Notas sobre o endividamento externo brasileiro nos anos setenta*”, de Paulo Davidoff Cruz.

Esses trabalhos balizaram os demais artigos dedicados à economia brasileira, colocando a discussão num determinado contexto internacional.

No desenrolar da década de 1980, acentuou-se a preocupação com as mudanças que vão ocorrendo na economia internacional, sob a liderança das finanças, bem como com a intensificação da crise da economia brasileira. Esta se manifestou, sobretudo, pela aceleração da inflação e pela crise da dívida externa, manifestações da ruptura do padrão de financiamento da economia brasileira. As relações econômicas internacionais do país ficaram sob a égide desta dívida, cuja negociação se arrastou e cujo peso se transferiu do setor privado para o Estado. Por sua vez, os impactos da crise quanto ao

aspecto monetário conduziram ao dinheiro financeiro - moeda indexada - como forma limite de escapar da dolarização da economia.

Dessa reflexão, vários economistas do IE e do Ceri se ocuparam não apenas no campo do diagnóstico, mas também formulando propostas de política econômica e até mesmo tratando da implementação das mesmas, através de sua participação no governo federal. A preocupação era combinar estabilidade monetária com desenvolvimento. Ressalte-se, nessa questão, a participação, no Plano Cruzado (1986), dos professores da Unicamp João Manuel Cardoso de Mello, Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo, Luciano Coutinho, José Carlos Braga, Julio Sergio Gomes de Almeida e José Bonifácio do Amaral.

É pertinente a inserção da temática da crise da economia brasileira dos anos 1980 e da produção em torno da mesma no presente texto, pois ela esteve intrinsecamente ligada a um aspecto fundamental das relações econômicas internacionais do Brasil: o financiamento externo. Entre os trabalhos sobre o tema produzidos pelos professores do IE, mencionemos apenas alguns:

- “*Depois da Queda: a economia brasileira da crise da dívida aos impasses do Real*”, de Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo e Julio Sergio Gomes de Almeida;

- “*Questões sobre a crise do capitalismo tardio*”, de José Carlos Braga;

- “*La crise de la dette extérieure et la ‘crise fiscale’*”, de José Carlos Braga;

- “*Notas sobre o financiamento de longo prazo na economia brasileira do após guerra*”, de Paulo Davidoff Cruz;

- “*Uma reflexão sobre a natureza da inflação contemporânea*”, de Maria da Conceição Tavares e Luiz Gonzaga Belluzzo.

De um lado, o insucesso do Plano Cruzado e de uma série de outros planos de estabilização – heterodoxos e ortodoxos, por razões econômicas e/ou políticas – e, de outro, a luta política, acabaram por levar ao Plano Real e à implantação do que poderíamos designar de “padrão de desenvolvimento liberal no capitalismo brasileiro”. O resultado obtido pode ser resumidamente apresentado: baixa inflação e baixo crescimento com aprofundamento da inserção brasileira no processo de globalização capitalista, inclusive na sua dimensão financeira.

Em abril de 1995, realizou-se um importante seminário internacional sobre o tema “Regulação Econômica e Globalização”, tendo sido esta uma iniciativa de professores e pesquisadores brasileiros e franceses cujas instituições já vinham em processo de cooperação científica. Pelo lado da Unicamp,



participaram professores do Instituto de Economia e do Ceri, bem como do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP<sup>11</sup>. A Fundação para o Desenvolvimento Administrativo (Fundap), através de seu Instituto de Economia do Setor Público (IESP), e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) completaram, do lado brasileiro, o conjunto de instituições envolvidas. De outro lado, IRIS e CNRS-Université Paris-Dauphine formaram o conjunto de organizações francesas.

Do seminário resultou um livro organizado por Bruno Théret e José Carlos Braga, com o mesmo título do seminário. No posfácio, José Carlos Braga observava características das relações econômicas internacionais que se mostram contundentemente atuais em 2007/2008:

*“A manifestação mais evidente dessa globalização é justamente a interdependência dos sistemas financeiros nacionais num contexto de crescente liberalização do movimento de capitais. É esta liberdade de ação que engendrou um mercado financeiro propriamente mundial através do qual se propagam movimentos especulativos tanto para a criação de riqueza fictícia (no sentido de ser desproporcional aos movimentos reais da economia) quanto para a sua destruição. A economia vive sob permanente avaliação que é conduzida por uma lógica financeira geral de lucratividade. As grandes corporações industriais e as organizações financeiras manejam uma massa de ativos financeiros e de moedas que compõem suas estratégias de valorização ao lado de seus ativos operacionais. Assim, além das taxas de retorno nos investimentos produtivos, as taxas de câmbio, as taxas de juros e os índices de valorização das ações são “parâmetros” considerados na rentabilidade financeira geral. Num mundo de livre movimento de capitais e de taxas de câmbio flexíveis, aqueles atores efetuam movimentos de ‘poupança financeira’, em consonância com suas expectativas mutáveis, que impactam fortemente os mercados cambiais, acionários e de crédito em geral, mundo afora...”*

*Não se deve descartar contudo a hipótese de que a instabilidade se agrave também nos países centrais dadas as características da gestão da riqueza. Com a liberalização dos controles nacionais e internacionais*

---

<sup>11</sup> O NEPP é um centro interdisciplinar de pesquisas especializado em análise e avaliação de políticas e programas governamentais vinculado diretamente à Reitoria da Unicamp.

*os governos destes países também vêm perdendo a capacidade de impor disciplina financeira aos agentes e mercados, a tal ponto que a riqueza mobiliária e patrimonial tem obtido, como já salientamos, autonomia crescente face à riqueza produtiva... Isto significa a consolidação de um rentismo institucionalizado do qual participam ativamente os grandes grupos empresariais, o sistema financeiro, os grandes proprietários, num processo que acaba envolvendo o próprio Estado. Este é levado a sancionar o movimento atuando como prestador de última instância para evitar o colapso sistêmico e colocando títulos de dívida pública que funcionam como garantia do processo de securitização. Se o colapso é evitado, paga-se, entretanto, ao mesmo tempo o preço de ver relançada a dinâmica de valorização financeira.” (Braga, 1998, pp.531-534)*

Esse enfoque interpretativo, compartilhado por outros professores do IE, havia sido elaborado por José Carlos Braga, em termos teóricos, em 1985, em sua tese de doutoramento – “*Temporalidade da Riqueza: uma contribuição à teoria da dinâmica capitalista*”<sup>12</sup> – e posteriormente (1993) tratado no plano da economia aplicada no artigo “*A Financeirização da Riqueza: a macroestrutura financeira e a nova dinâmica dos capitalismos centrais*”. Na mesma direção, em 1998, Luiz Gonzaga Belluzzo e Luciano Coutinho escreveram artigo que tratou dessa temática do ângulo dos ciclos econômicos: “*Financeirização da riqueza, inflação de ativos e decisão de gastos em economias abertas*”. Avançava, assim, a reflexão crítica sobre o processo da globalização capitalista.

Outros passos concretos nesse sentido foram os livros escritos em parceria com docentes do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Neles, elaborou-se a tese da relevância das articulações monetárias e financeiras, de um lado, com as de poder, de outro, para o exercício da dominação na implantação dos cânones da globalização combinada com o desenvolvimento liberal. O primeiro livro dessa parceria foi editado em 1997.

- “*Poder e Dinheiro: Uma economia política da globalização*” - e teve como organizadores Maria da Conceição Tavares e José Luís Fiori. Os seguintes artigos foram escritos pelos professores do IE-Unicamp:

- “*A contra-revolução liberal-conservadora e a tradição crítica latino-americana*” de João Manuel Cardoso de Mello;

---

<sup>12</sup> Publicada em 2000 sob o título “*Temporalidade da riqueza: teoria da dinâmica e financeirização do capitalismo*”.

- “*Dinheiro e as transfigurações da riqueza*” de Luiz Gonzaga Belluzzo;
  - “*Financeirização global: o padrão sistêmico de riqueza do capitalismo contemporâneo*” de José Carlos Braga;
  - “*Dinâmica financeira e política macroeconômica*” de José Carlos Miranda;
- O segundo livro, de 1999, foi “*Estados e moedas no desenvolvimento das nações*”, organizado por José Luís Fiori. A participação do IE-Unicamp foi consagrada nos artigos:
- “*Finança global e ciclos de expansão*” de Luiz Gonzaga Belluzzo;
  - “*Alemanha: império, barbárie e capitalismo avançado*” de José Carlos Braga;
  - “*América Latina: do desenvolvimentismo ao neoliberalismo*” de Wilson Cano.

Em 2004, foi lançado o terceiro livro, “*O poder americano*”, organizado por José Luís Fiori, no qual a participação dos economistas da Unicamp assim se manifesta:

- “*A mundialização do capital e a expansão do poder Americano*”, de Maria da Conceição Tavares e Luiz Gonzaga Belluzzo;
- “*Finanças dolarizadas e capital financeiro: exasperação sob comando americano*”, de José Carlos Braga e Marcos Antonio Macedo Cintra.

### **A produção recente no âmbito do Ceri**

De 2004 a 2006 o Ceri editou o boletim eletrônico “*Economia Política Internacional: análise estratégica*”.<sup>13</sup> A publicação apresentou uma discussão de temas de economia internacional não sob uma perspectiva conjuntural, mas combinando planos analíticos – conjuntural e estrutural – numa tentativa de compreender os recentes acontecimentos no âmbito das relações econômicas internacionais de forma mais complexa. Foram nove números dedicados a temas variados e que contaram com contribuições dos professores e pesquisadores do IE-Unicamp e do Ceri, bem como de convidados externos. Como expresso no primeiro editorial, de autoria de José Carlos Braga, a publicação pretendia contribuir para a reflexão acerca da inserção do Brasil nas questões contemporâneas da economia política internacional:

---

<sup>13</sup> A versão integral dos boletins está disponível <http://www.eco.unicamp.br/>.

*“O Centro de Estudos de Relações Econômicas Internacionais lança ... o primeiro número dessa publicação ... que pretende contribuir para a compreensão sobre o movimento e as veredas a que somos conduzidos sob os signos monetários, pelos capitais internacionais sem controle, pela inserção comercial limitada a commodities primárias e manufaturas de baixa intensidade tecnológica, por negociações quase sempre adversas frente a países desenvolvidos e ‘protecionistas’”. (Braga, 2004, p.2)*

Nessa perspectiva devem ser destacadas, no primeiro número do boletim, contribuições que discutiram a inserção comercial da economia brasileira, a possibilidade de controle de capitais no atual estágio da abertura financeira em âmbito internacional, bem como um conjunto de artigos sobre negociações comerciais bilaterais e em âmbitos regional e multilateral.

No segundo número, o destaque temático foi a problemática do subdesenvolvimento para o Brasil e os países da América Latina. Tal discussão foi ancorada pelo artigo de Rubens Ricupero – “UNCTAD - passado e presente: nossos próximos quarenta anos” – que abriu esta edição. Cumpre também apontar trabalho da professora Ana Rosa Ribeiro de Mendonça, do Ceri, discutindo regulamentação bancária: “O Acordo de Basiléia de 2004: uma revisão em direção às práticas de mercado”.

O prefácio de José Carlos Braga ao terceiro número do boletim, que teve artigo de abertura do professor Wilson Cano, do IE-Unicamp, sobre Celso Furtado, recolocou a preocupação central do Ceri: o (sub)desenvolvimento brasileiro e latino-americano.

*“Celso Furtado nessa capa e Raul Prebisch na do número anterior representam a nítida preocupação dos membros do CERI com o desenvolvimento da América Latina, com a crítica à persistência do subdesenvolvimento na região... É a reiteração, analiticamente atualizada, das temáticas que tanto ele quanto seu colega argentino enfrentou de maneira criativa e combativa.”(Braga, 2004, p.1)*

Deve-se salientar, nessa edição, artigo do professor Pedro Paulo Bastos, do Ceri, discutindo integração regional na América do Sul: “Análise do passado e projeto regional: qual Comunidade Sul-Americana de Nações é viável?”.

Tema de destaque do quarto boletim foi a economia Argentina. Encabeçado, uma vez mais, por artigo que homenageou Celso Furtado – referimo-nos ao trabalho do Professor Plínio de Arruda Sampaio Jr., do IE-Unicamp, intitulado “*Furtado: um economista a serviço da nação*” –, cumpre mencionar que o boletim trouxe dois textos que analisaram temas recentes da referida economia. Um deles, da professora Ana Rosa Ribeiro de Mendonça, do Ceri, discutiu a renegociação da dívida externa argentina a partir da moratória decretada em dezembro de 2001. Intitulou-se: “*Reestruturação da dívida argentina: propostas e resultados*”.

O quinto boletim trouxe três amplos conjuntos temáticos. Destaquemos os dois primeiros, ajudados pelo texto do editorial:

*“No primeiro, China, Europa, Estados Unidos e México são analisados para esclarecer aspectos relevantes das disputas econômicas, sociais e políticas no mundo contemporâneo. No segundo, a chamada arquitetura financeira mundial volta à baila a propósito das discussões em torno da implementação dos Acordos da Basileia II, que procura regular e supervisionar os riscos bancários... Discutem-se avanços e problemas dessa proposta bem como as condições vigentes nas finanças internacionais e quais as perspectivas para o financiamento do desenvolvimento de países periféricos.” (Braga, 2005, p.1)*

Vale mencionar, nessa edição do boletim, texto do professor Carlos Alonso Barbosa de Oliveira, do IE-Unicamp, intitulado “*Reformas econômicas na China*”. Também cumpre referir que, nessa edição, dois textos discutiram temas referentes às finanças e, mais especificamente, às propostas de regulamentação bancária. Nesse sentido, gostaríamos de destacar o artigo do professor Marcos Antonio Macedo Cintra, do IE-Unicamp: “*A exuberante liquidez global*”.

O sexto boletim teve como cerne o tema das finanças internacionais. A discussão em torno da necessidade de uma nova arquitetura financeira internacional foi contemplada, sendo objeto de vários artigos. Dois textos trataram, de forma mais específica, do Novo Acordo de Capital para os bancos. Um deles, de autoria da professora Simone Deos, do Ceri, intitulou-se “*O Novo Acordo de Capital da Basileia nos Estados Unidos*”.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Posteriormente publicado em Mendonça e Andrade (2006).

O boletim de número sete teve como foco os chamados BRICs – Brasil, Rússia, Índia e China. Há artigos discutindo, especificamente, China, Índia e Rússia. A idéia foi trazer elementos para discutir a lógica e a dinâmica do crescimento recente dessas economias continentais. Nessa temática, poderíamos destacar o artigo que abriu a sétima edição desta publicação, de autoria de José Luís Fiori, intitulado “*Mudanças estruturais e crise de liderança no sistema mundial*”. Ainda cabe mencionar texto presente nessa edição que tratou de um tema recorrente nessa publicação do Ceri, que é o dos Acordos de Basiléia.

O oitavo boletim teve caráter especial, consagrando um tema que, como já foi sugerido e será mais bem detalhado no decorrer desse texto, foi e continua sendo central nas pesquisas do Ceri: regulamentação financeira e bancária. São quatro artigos sobre o tema, entre os quais gostaríamos de destacar o da professora Ana Rosa Ribeiro de Mendonça – “*Regulamentação prudencial e redes de proteção: transformações recentes no Brasil*”.<sup>15</sup> Além dos artigos, há três entrevistas discutindo a mesma temática, realizadas com os economistas Jean Kregel, Robert Guttman e Randal Wray.

O nono boletim trouxe novamente um amplo leque de temas, ao mesmo tempo em que retomou algumas questões centrais na pesquisa e na reflexão do Ceri. Gostaríamos de chamar a atenção para as discussões em torno do papel das tradicionais instituições multilaterais – FMI e Banco Mundial -, bem como para um trabalho acerca do Mercosul.

A recuperação seletiva dos temas tratados no conjunto dos boletins eletrônicos editados pelo Ceri no período 2004 a 2006 demonstrou a centralidade de algumas questões de pesquisa, como as da regulação financeira e bancária. Ao longo dos anos de 2005 e 2006, o Ceri organizou seminários em Campinas e em Brasília – com o apoio da Caixa Econômica Federal – sobre esses temas. O conteúdo desses debates permitiu a estruturação de um livro<sup>16</sup>, organizado pelos professores Ana Rosa Ribeiro de Mendonça e Rogério P. de Andrade, ambos do Ceri, denominado “*Regulação Bancária e Dinâmica Financeira: evolução e perspectivas a partir dos Acordos de Basiléia*”.

A primeira parte do livro foi dedicada ao exame de Basiléia II e seus reflexos sobre a estabilidade financeira e gestão macroeconômica. A segunda

<sup>15</sup> Posteriormente publicado em Mendonça e Andrade (2006).

<sup>16</sup> Permitiu, ademais, uma série de contribuições que, como vimos, foram publicadas em várias edições do *Boletim Economia Política Internacional: análise estratégica*.

parte centrou-se na discussão do Novo Acordo de Capital e suas implicações para a gestão de riscos e, mais especificamente, seus impactos sobre os bancos públicos.

Jan Kregel, Randal Wray, Robert Guttman e Mario Dehove foram os pesquisadores estrangeiros que participaram do seminário internacional realizado no Instituto de Economia em Campinas, em 2006 – *“Finanças Mundiais e Estratégias dos Países em Desenvolvimento: Tendências a partir dos Acordos de Basileia II”*. Além de seus artigos, há também, na Parte I do referido livro, os trabalhos de Andrew Cornford, Stephany Griffith-Jones, Avinash Persaud e Luciano Coutinho. A parte II reuniu artigos de professores e pesquisadores do IE e do Ceri – como Simone Deos e Ana Rosa Ribeiro de Mendonça – bem como de pesquisadores de outras instituições e de autores ligados aos bancos públicos e privados e a entidades representativas do setor.

Mais recentemente (2008), os pesquisadores do Ceri Ana Rosa Ribeiro de Mendonça, José Carlos Braga e Simone Deos avançaram no tema da regulação bancária, participando de projeto de pesquisa financiado pelo BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) – *“Basel II: Adoption and Adaptation in Latin America”*. O tema tratado pelo Ceri, mais especificamente, foi a avaliação do processo de implementação do Novo Acordo no Brasil.

Por fim, e numa temática que, como vimos, é também há muito objeto de atenção por parte dos professores e pesquisadores do IE e do Ceri, cabe mencionar projeto de pesquisa em que estão no presente inseridas, pelo Ceri, Simone Deos e Ana Rosa Ribeiro de Mendonça: *“Perspectivas do Investimento na dimensão do Mercosul e da América Latina”*. Dentro desse projeto, há dois temas que se interligam. O primeiro busca explorar as relações entre a dinâmica do investimento direto externo (IDE) no Brasil, a partir da década de 1990, e os processos de integração regional nos quais este país toma parte, com especial ênfase no Mercosul. No segundo, faz-se uma avaliação das iniciativas recentes no sentido de aprofundar a cooperação e integração financeiras no Mercosul e América Latina, quer valendo-se de instituições já existentes, quer por meio de nova institucionalidade. O objetivo final é avaliar em que medidas as iniciativas recentes para avançar na direção de uma maior cooperação financeira podem contribuir para dinamizar os investimentos brasileiros no bloco (Mercosul) e na região.

#### 4. Conclusão

A economia brasileira vive, no que diz respeito à questão externa, um momento único: liberta, ou parcialmente liberta, da dependência imposta historicamente pela dívida externa. Dizemos parcialmente liberta, pois o passivo externo líquido da economia brasileira não pode ser desconsiderado, dado o montante expressivo de investimento direto externo e de portfolio em nossa economia. Mas deve-se considerar que o alívio advindo da superação da dívida externa e os raios de manobra provenientes do acúmulo de reservas em moeda forte - superiores a US\$ 200 bilhões ao final de 2008<sup>17</sup> - mudaram os horizontes para a estratégia de desenvolvimento brasileiro.

O cenário internacional parece indicar trajetórias mais favoráveis aos países que adotarem posturas de desenvolvimento “produtivistas”, visando ao avanço das forças produtivas. Ao Brasil, entendemos, não cabe apenas crescimento sem distribuição de renda, tampouco estabilização de preços com crescimento medíocre. Para o Brasil, a necessidade que se coloca sob o ângulo socioeconômico e político é combinar crescimento econômico e efetiva distribuição de renda. Para tanto, o que se requer é um verdadeiro projeto nacional de desenvolvimento com uma inserção externa construída adequadamente e que seja propulsora desse projeto que poderá, afinal, constituir esperança para a superação do subdesenvolvimento. É preciso, para tanto, ultrapassar os limites do padrão de desenvolvimento liberal implementado desde 1994 até agora, como resposta à morte do nacional-desenvolvimentismo.

A partir de 2009, o eixo das pesquisas no âmbito do Ceri estará em torno das transformações do sistema monetário e financeiro internacional e das perspectivas de regulação a partir da crise sistêmica que se iniciou em 2007 e desdobrou-se, com muita profundidade, no ano de 2008, sobretudo a partir do segundo semestre. Nossa preocupação intelectual e política diz respeito à inserção do Brasil na nova dinâmica - financeira e produtiva - internacional. Tentativamente, temos trabalhado e buscado financiamento para um projeto que contempla os seguintes eixos analíticos:

- 1- Evolução da crise financeira americana e impactos sobre a dinâmica de acumulação produtiva;
- 2- Propostas e tentativas de construção de uma nova regulação;

---

<sup>17</sup> Conceito de liquidez internacional.



3- Investimento de longo prazo e transformações no Sistema Financeiro Internacional;

4- Desequilíbrios mundiais: natureza e inserção diferenciada da Ásia e da América Latina na dinâmica das cadeias produtivas globais;

5- Bancos públicos e financiamento do desenvolvimento.

Pensamos que o que foi delineado acima reflete as principais linhas da agenda de pesquisa do Instituto de Economia da Unicamp e do Ceri para os próximos anos, tendo em vista as transformações internacionais em curso, as condições atuais e as perspectivas e possibilidades futuras do Brasil.

### **Referências Bibliográficas**

Bastos, Pedro Paulo Z. (2004). Análise do passado e projeto regional: qual Comunidade Sul-Americana de Nações é viável? Boletim Economia Política Internacional: análise estratégica. N. 3. Campinas, Instituto de Economia da Unicamp. Outubro a Dezembro.

Belluzzo, Luiz Gonzaga de Mello. (1997). Dinheiro e as transfigurações da riqueza. In: Tavares, Maria da Conceição e Fiori, José Luís. Poder e Dinheiro: uma economia política da globalização. Petrópolis, Editora Vozes.

\_\_\_\_\_. (2000). Finança global e ciclos de expansão. In: Fiori, José Luís. (Org.). Estados e moedas no desenvolvimento das nações. Petrópolis, Editora Vozes.

Belluzzo, Luiz Gonzaga de Mello & Almeida, Julio Sergio. (2002). Depois da Queda: a economia brasileira da crise da dívida aos impasses do Real. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

Belluzzo, Luiz Gonzaga de Mello e Coutinho, Luciano G (1982). Estado, sistema financeiro e forma de manifestação da crise, 1929/1974. In: Desenvolvimento Capitalista no Brasil: ensaios sobre a crise. Vol.1. São Paulo, Editora Brasiliense.

\_\_\_\_\_. (1998). “Financeirização” da riqueza, inflação de ativos e decisões de gasto em economias abertas. Economia e Sociedade, n.11, dez. Campinas, IE/Unicamp.

Belluzzo, Luiz Gonzaga de Mello e Coutinho, Renata. (1982). Desenvolvimento Capitalista no Brasil: ensaios sobre a crise. Vol.1. São Paulo, Editora Brasiliense.

\_\_\_\_\_. (1983). *Desenvolvimento Capitalista no Brasil: ensaios sobre a crise*. Vol.2. São Paulo, Editora Brasiliense.

Belluzzo, Luiz Gonzaga de Mello e Tavares, Maria da Conceição. (2004). *A mundialização do capital e a expansão do poder Americano*. In: Fiori, José Luis. *O poder americano*. Petrópolis, Editora Vozes.

Braga, José Carlos. (1993). *A financeirização da riqueza - a macroestrutura financeira e a nova dinâmica dos capitalismos centrais*. *Economia e Sociedade*, v.2, n.1, ago, Campinas, IE/Unicamp.

\_\_\_\_\_. (1997). *Financeirização global: o padrão sistêmico de riqueza do capitalismo contemporâneo*. In: Tavares, Maria da Conceição e Fiori, José Luís. *Poder e Dinheiro: uma economia política da globalização*. Petrópolis, Editora Vozes.

\_\_\_\_\_. (1998a). *Questões sobre a crise do capitalismo tardio*. Textos para Discussão n.14. São Paulo, IESP, Fundap.

\_\_\_\_\_. (1998b). *La crise de la dette extérieure et la 'crise fiscale'*. *Cahiers du Bresil Contemporain*, v.3, p.45-70. Paris, Maison des Sciences de L'Homme-Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain.

\_\_\_\_\_. (1998c). *Posfácio*. In: Théret, Bruno e Braga, José Carlos. (orgs.). *Regulação econômica e globalização*. Campinas, IE-Unicamp.

\_\_\_\_\_. (2000a). *Temporalidade da Riqueza*. Campinas, IE-Unicamp.

\_\_\_\_\_. (2000b). *Alemanha: império, barbárie e capitalismo avançado*. In: Fiori, José Luís. (Org.). *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*. Petrópolis, Editora Vozes.

\_\_\_\_\_. (2004a). *Editorial - O caleidoscópio do dinheiro e das palavras*. *Boletim Economia Política Internacional: análise estratégica*. N. 1. Campinas, Instituto de Economia da Unicamp. Abril a Junho.

\_\_\_\_\_. (2004b). *Editorial - Neodesenvolvimentismo*. *Boletim Economia Política Internacional: análise estratégica*. N. 3. Campinas, Instituto de Economia da Unicamp. Outubro a Dezembro.

\_\_\_\_\_. (2005) *Editorial - Dissensos e trajetórias*. *Boletim Economia Política Internacional: análise estratégica*. N. 5. Campinas, Instituto de Economia da Unicamp. Abril a Junho.

Braga, José Carlos e Cintra, Marcos Antonio Macedo. (2004). *Finanças dolarizadas e capital financeiro: exasperação sob comando americano*. In: Fiori, José Luis. *O poder americano*. Petrópolis, Editora Vozes.

Cano, Wilson. (2000). América Latina: do desenvolvimentismo ao neoliberalismo. In: Fiori, José Luís. (Org.). Estados e moedas no desenvolvimento das nações. Petrópolis, Editora Vozes.

\_\_\_\_\_. (2004). Celso Furtado: brasileiro, servidor público e economista. Boletim Economia Política Internacional : análise estratégica. N. 3. Campinas, Instituto de Economia da Unicamp. Outubro a Dezembro.

\_\_\_\_\_. (2007). Instituto de Economia da Unicamp: notas sobre sua origem e linhas gerais de sua evolução. In: Szmrecsányi, T., e Coelho, F. da S. Ensaio de História do Pensamento Econômico no Brasil Contemporâneo. São Paulo, Ordem dos Economistas do Brasil e Editora Atlas.

Chianamea, Dante R. (2005). Basiléia II e os ciclos econômicos. Boletim Economia Política Internacional : análise estratégica. N.6. Campinas, Instituto de Economia da Unicamp. Julho a Setembro.

Cintra, Marcos Antonio M. (2005). A exuberante liquidez global. Boletim Economia Política Internacional : análise estratégica. N.5. Campinas, Instituto de Economia da Unicamp. Abril a Junho.

Cornford, Andrew. (2006). Basiléia II: o Novo Acordo de 2004. In: Mendonça, Ana Rosa Ribeiro de e Andrade, Rogerio P. (orgs.). Regulação Bancária e Financeira: evolução e perspectiva a partir dos Acordos de Basiléia. Campinas: Instituto de Economia da Unicamp.

Coutinho, Luciano G. Percolções e problemas da economia mundial capitalista. (1982). Estado, sistema financeiro e forma de manifestação da crise, 1929/1974. In: Desenvolvimento Capitalista no Brasil: Ensaio sobre a crise. Vol.1. São Paulo, Editora Brasiliense.

\_\_\_\_\_. (2006). Gestão macroeconômica no contexto das regras de Basiléia II: uma visão a partir dos países em desenvolvimento. In: Mendonça, Ana Rosa Ribeiro de e Andrade, Rogerio P. (orgs.). Regulação Bancária e Financeira: evolução e perspectiva a partir dos Acordos de Basiléia. Campinas: Instituto de Economia da Unicamp.

Cruz, Paulo Davidoff. Notas sobre o endividamento externo brasileiro nos anos setenta. (1983). Estado, sistema financeiro e forma de manifestação da crise, 1929/1974. In: Desenvolvimento Capitalista no Brasil: ensaio sobre a crise. Vol.2. São Paulo, Editora Brasiliense.

Cruz, Paulo Roberto Davidoff. (1994). Notas sobre o financiamento de longo prazo na economia brasileira do pós-guerra. Economia e Sociedade, v. 3, n.1, dez. Campinas, IE/Unicamp.

Dehove, Mario; Boyer, Robert e Plihon, Dominique. (2006). Propostas para uma melhor regulamentação financeira nacional e internacional. In: Mendonça, Ana Rosa Ribeiro de e Andrade, Rogerio P. (orgs.). *Regulação Bancária e Financeira: evolução e perspectiva a partir dos Acordos de Basiléia*. Campinas: Instituto de Economia da Unicamp.

Deos, Simone Silva de. (2005). Meta de Inflação nos EUA: questão de tempo ou algumas outras questões. *Boletim Economia Política Internacional: análise estratégica*. N.4. Campinas, Instituto de Economia da Unicamp. Janeiro a Março

\_\_\_\_\_. (2006). O Novo Acordo de Basiléia nos Estados Unidos. In: Mendonça, Ana Rosa Ribeiro de e Andrade, Rogerio P. (orgs.). *Regulação Bancária e Financeira: evolução e perspectiva a partir dos Acordos de Basiléia*. Campinas: Instituto de Economia da Unicamp.

Deos, Simone Silva de et alii. (2008). *Perspectivas do investimento na dimensão do Mercosul e da América Latina*. Campinas. (Relatório de Pesquisa – Mimeo).

Fiori, José Luís. (Org.). (2000). *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*. Petrópolis, Editora Vozes.

\_\_\_\_\_. (2004). *O poder americano*. Petrópolis, Editora Vozes.

\_\_\_\_\_. (2005) Mudanças estruturais e crise de liderança no Sistema Mundial. *Boletim Economia Política Internacional: análise estratégica*. N.7. Campinas, Instituto de Economia da Unicamp. Outubro a Dezembro.

Griffith-Jones, Stephany e Persaud, Avinash. (2006). Basiléia II e mercados emergentes: impactos pró-cíclicos e economia política. In: Mendonça, Ana Rosa Ribeiro de e Andrade, Rogerio P. (orgs.). *Regulação Bancária e Financeira: evolução e perspectiva a partir dos Acordos de Basiléia*. Campinas: Instituto de Economia da Unicamp.

Guttman, Robert. (2006a). Os possíveis impactos do Acordo de Basiléia II (Entrevista). *Boletim Economia Política Internacional: análise estratégica*. N.8. Campinas, Instituto de Economia da Unicamp. Janeiro a Junho.

\_\_\_\_\_. (2006b). Basiléia II: uma nova estrutura para a regulação da atividade bancária global. In: Mendonça, Ana Rosa Ribeiro de e Andrade, Rogerio P. (orgs.). *Regulação Bancária e Financeira: evolução e perspectiva a partir dos Acordos de Basiléia*. Campinas: Instituto de Economia da Unicamp.

Kregel, Jan. (2006a). O financiamento do desenvolvimento econômico e o Acordo de Basiléia II (Entrevista). *Boletim Economia Política Internacional:*

análise estratégica. N.8. Campinas, Instituto de Economia da Unicamp. Janeiro a Junho.

\_\_\_\_\_. (2006b). O Novo Acordo de Basiléia pode ser bem-sucedido naquilo em que o Acordo Original fracassou? In: Mendonça, Ana Rosa Ribeiro de e Andrade, Rogerio P. (orgs.). *Regulação Bancária e Financeira: evolução e perspectiva a partir dos Acordos de Basiléia*. Campinas: Instituto de Economia da Unicamp

Mello, João Manuel Cardoso de. (1997). *A contra-revolução liberal-conservadora e a tradição crítica latino-americana*. In: Tavares, Maria da Conceição e Fiori, José Luís. *Poder e Dinheiro: uma economia política da globalização*. Petrópolis, Editora Vozes.

Mendonça, Ana Rosa Ribeiro de. (2004). O Acordo de Basiléia de 2004: uma revisão em direção às práticas de mercado. *Boletim Economia Política Internacional: análise estratégica*. N.2. Campinas, Instituto de Economia da Unicamp. Julho a Setembro.

\_\_\_\_\_. (2005). “Reestruturação da dívida argentina: propostas e resultados.” *Boletim Economia Política Internacional: análise estratégica*. N.4. Campinas, Instituto de Economia da Unicamp. Janeiro a Março.

\_\_\_\_\_. (2006a). *Regulação prudencial e redes de proteção: transformações recentes no Brasil*. In: Mendonça, Ana Rosa Ribeiro de e Andrade, Rogerio P. (orgs.). *Regulação Bancária e Financeira: evolução e perspectiva a partir dos Acordos de Basiléia*. Campinas: Instituto de Economia da Unicamp

Mendonça, Ana Rosa Ribeiro de e Andrade, Rogério P. (2006). *Regulação bancária e dinâmica financeira: evolução e perspectiva a partir dos Acordos de Basiléia*. Campinas, Unicamp/IE.

Mendonça, Ana Rosa Ribeiro de; Chianamea, Dante e Romantini, Gerson. (2008). *Basel II Adoption and Effects on Competition: a Study on Brazilian Banking System*. Basel II Project, Interamerican Development Bank. Campinas. (Relatório de pesquisa - Mimeo).

Mendonça, Ana Rosa Ribeiro de e Deos, Simone. (2009). *The crisis in the financial regulation of the finance-led capitalism*. Campinas. (Mimeo).

Miranda, José Carlos. (1997). *Dinâmica financeira e política macroeconômica*. In: Tavares, Maria da Conceição e Fiori, José Luís. *Poder e Dinheiro: uma economia política da globalização*. Petrópolis, Editora Vozes.

Oliveira, Carlos Alonso B. de. (2005). *Reformas Econômicas na China*. *Boletim Economia Política Internacional: análise estratégica*. N. 5. Campinas, Instituto de Economia da Unicamp. Abril a Junho.

Ricupero, Rubens. (2004). UNCTAD – Passado e Presente: nossos próximos quarenta anos. *Boletim Economia Política Internacional: análise estratégica*. N.2. Campinas, Instituto de Economia da Unicamp. Julho a Setembro.

Sampaio Jr., Plínio de Arruda. (2005). Furtado: um economista a serviço da nação. *Boletim Economia Política Internacional: análise estratégica*. N.4. Campinas, Instituto de Economia da Unicamp. Janeiro a Março.

Tavares, Maria da Conceição e Belluzzo, Luiz Gonzaga de Mello. (1986). Uma reflexão sobre a natureza da inflação contemporânea. In: REGO, José M. (org). *Inflação Inercial, Teorias sobre inflação e Plano Cruzado*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

Tavares, Maria da Conceição e Fiori, José Luís. (1997). *Poder e Dinheiro: uma economia política da globalização*. Petrópolis, Editora Vozes.

Théret, Bruno e Braga, José Carlos (Orgs.). (1998). *Regulação econômica e globalização*. Campinas. IE/Unicamp.

Wray, L. Randall. (1996a). Os riscos implícitos na implementação de Basileia II (Entrevista). *Boletim Economia Política Internacional: análise estratégica*. N.8. Campinas, Instituto de Economia da Unicamp. Janeiro a Junho.

\_\_\_\_\_. (1996b). Basileia II e a estabilidade financeira: uma abordagem minskyana. In: Mendonça, Ana Rosa Ribeiro de e Andrade, Rogerio P. (orgs.). *Regulação Bancária e Financeira: evolução e perspectiva a partir dos Acordos de Basileia*. Campinas: Instituto de Economia da Unicamp.